
Pensando a criança *queer* a partir de Tomboy

Thinking the queer child from Tomboy

Daniel Rossmann JACOBSEN⁶⁴

RESUMO

Este trabalho visa extrair da obra “Tomboy” (França, 2011) as potencialidades para o debate acerca do sujeito *queer*, com foco especial na infância *queer*, desidentificada das expectativas de performance do gênero atribuído aos corpos desde o nascimento. Se valendo da descrição e análise de situações do filme, é feita a articulação do objeto com um referencial teórico especializado em gênero, sexualidade e teoria *queer*. O artigo conclui que o enredo do filme é a narrativa da dissidência, de sua performance e de suas sanções, estando refletida na obra cinematográfica a problemática da censura e da violência contra o não-normativo que, longe de ser tema apenas da ficção, permeia a sociedade e afeta os seus sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Tomboy; queer; infância; cinema; gênero.

ABSTRACT

This work aims to extract from a filmic object, the movie “Tomboy” (France, 2011), its potentialities for the debate about the queer subject, with special focus on queer childhood, that is, unidentified from the performance expectations of the genre attributed to bodies since birth. Using the description and analysis of situations in the film, the object is articulated with a theoretical framework specialized in gender, sexuality and queer theory. The article concludes that the plot of the film is the narrative of dissent, of its performance and of its sanctions, being reflected in the cinematographic work the problem of censorship and violence against the non-normative that, far from being only a theme of fiction, permeates society and affects its subjects.

KEYWORDS: Tomboy; queer; childhood; cinema; gender.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo em inglês *tomboy*, que dá nome ao filme que aqui se pretende analisar, descreve mulheres que adotam um estilo masculinizado na construção de sua identidade, sobretudo na

⁶⁴ Estudante do 8º semestre de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e-mail: danieljacobsen.ufes@gmail.com

esfera da moda, no vestuário e no comportamento. *Tomboy* é uma possibilidade de desafiar a expressão de gênero feminina dentro de uma cultura que distingue hegemonicamente a aparência e o comportamento esperados para homens e mulheres, expectativas essas criadas desde a infância. Um olhar atento sobre o filme, no entanto, põe em questão através das representações da protagonista se de fato se trata de “estilo”. Parece haver, tecida no interior da narrativa, uma inquietação maior, uma performance ainda mais transgressora, *queer*.

Com direção da francesa Céline Sciamma, *Tomboy* (2011) é um longa-metragem que tematiza a desidentificação de Laure, interpretada por Zoé Héran, com a expressão de gênero normativamente atribuída a ela. A personagem de 10 anos se muda de casa com a família e, na nova vizinhança, performa como menino, Michael, diante do grupo de crianças que passa a integrar. Os métodos adotados são o de análise fílmica e articulação do objeto com o referencial teórico a partir de revisão bibliográfica composta dos textos de Preciado (2013; 2014), Lamas (2016) e Butler (2017; 2018; 2019). Assim, este artigo busca situar o local da criança *queer* em meio a uma sociedade hegemonicamente cisnormativa e heteronormativa.

Jullier e Marie (2009) propõe um modelo metodológico de análise fílmica com foco em análise de sequência que divide o exercício analítico em quatro tópicos: “Resumo”, “Em torno do filme”, “Situação da sequência” e “Análise”. Neste trabalho, as mesmas funções estão renomeadas. Estas *Considerações iniciais* servem como resumo do filme e introdução à temática discutida. O tópico *O gênero, a sexualidade e a teoria queer: olhares sobre a infância dissidente*, cumpre o papel de localizar as discussões teóricas que estão em torno do filme. No tópico seguinte, *Situação da sequência e outros atos transgressores*, se se utilizará como ferramenta a decupagem em tabela da cena que se propõe analisar com mais cuidado, além de situar demais comportamentos transgressores representados ao longo do filme, compreendendo que a construção dos sentidos *queer* permeia todo o objeto fílmico. A análise em si fica por conta do tópico quatro, *A criança queer em Tomboy*. Segundo Jullier e Marie (2009, p. 42), o nível da sequência, trabalhado neste artigo, “[...] é aquele de um conjunto de planos que apresenta uma unidade espacial, temporal, espaço temporal, narrativo (a unidade da ação) ou apenas técnico [...]”. Ainda para os autores, “a sequência, enfim, deixa o espectador atento a uma boa distância para captar o ‘discurso oculto’ e outros efeitos de sentido figurado”

(JULLIER; MARIE, 2009, p. 42), estando assim justificada a importância desse recorte como procedimento de pesquisa.

1. O GÊNERO, A SEXUALIDADE E A TEORIA QUEER: OLHARES SOBRE A INFÂNCIA DISSIDENTE

Para Preciado (2013), o conservadorismo enxerga as crianças como naturalmente cisgêneras e heterossexuais, sendo que desde muito pequenas recebem estímulos sociais e culturais para assumirem a identificação de gênero e sexualidade de acordo com o sexo biológico de nascimento e expressarem essa identificação através de seus hábitos.

Butler (2019, p. 205) escreve que o ato de nomear o indivíduo com base em sua genitália interpela o seu gênero pela linguagem:

Consideremos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou em uma “ela”: nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma.

Deste modo, para Butler, o gênero não é uma identidade estável, mas sim uma construção realizada ao longo do tempo através da repetição de atos, em que se performa o gênero atribuído e o reforça a cada recorrência, vistoriados de perto pelas instituições normativas: “[...] a chamada identidade de gênero é uma realização performativa compelida por sanções sociais e tabus” (BUTLER, 2018, p. 3), levando à naturalização da conformidade quando o corpo performa conforme as normas culturais e históricas do gênero a ele atribuído, e levando à punição em casos de performances desidentificadas ao gênero conferido ao corpo.

No mesmo sentido, Lamas (2016, p. 639-656) afirma que desde a descoberta do sexo do feto, os adultos começam a preparar o enxoval e escolher o nome da criança baseados em estereótipos de separação entre gêneros que eles mesmos absorveram da sociedade em que estão

inseridos desde o momento de seu nascimento. “Nota-se, então, que os papéis sociais de gênero nascem muito antes da criança: enquanto ela ainda é um feto, seus pais já fazem projeções e a encaixam em estereótipos, por meio dos itens de consumo” (LAMAS, 2016, p. 666-668).

Para Butler (2017, p. 26), a crença na relação entre sexo e gênero, originada por um sistema binário dos gêneros, conclui que o gênero reflete o sexo ou é restrito por ele. Para a autora, no entanto, o gênero não se pauta no sexo, mas performa na superfície do corpo, através de palavras, atos, gestos e desejo, a identidade fabricada e sustentada por meios discursivos (BUTLER, 2017, p. 232-236).

Como apontou Preciado (2013), sobre a infância não se projetam apenas expectativas de gênero cis, mas também de sexualidade hétero. Essa heterossexualidade compulsória delegada às crianças é estimulada pelos seus círculos sociais através da pressuposição de desejos. Segundo Butler (2018), essa compulsão do desejo heterossexual veste os corpos com uma roupagem de naturalidade, utilizando da biologia reprodutiva para justificar arranjos sociais ditos normativos.

No mesmo passo, Louro (2019) afirma que as identidades culturais e sociais são políticas: “As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder” (LOURO, 2019, p. 19). A autora compreende, assim, que esses mecanismos políticos concebem a heterossexualidade não apenas como natural, mas também como universal. Se estabelece, então, uma normalidade que se opõe politicamente às práticas concebidas como antinaturais e antinormais. O que se compreende, diante disso, é que a dissidência, a resistência do chamado “antinatural”, também é ação política.

É em meio a essa sociedade fundada em padrões de gênero que surgem as figuras *queer*, que vivem e experimentam seus corpos de forma inesperada e desafiadora aos padrões hegemônicos, como no caso da personagem do filme analisado. O *queer* é uma possibilidade de desidentificação, tanto em relação ao gênero e à sexualidade, quanto a outras formas de normatividade e hegemonia.

2. SITUAÇÃO DA SEQUÊNCIA E OUTROS ATOS TRANSGRESSORES

No filme, a identidade de gênero de Laure não é revelada pronta, mas sim construída, desconstruída, questionada e problematizada no desenrolar das cenas. Uma personagem com vestuário e comportamento masculino que contrastam com traços faciais finos levam o espectador, também inserido numa sociedade reguladora dos gêneros, a questionar se a personagem é um garoto ou uma garota. A suposição da personagem como garoto toma força quando, ao ver meninos brincando na área externa, sai e encontra Lisa (personagem de Jeanne Disson), que, assim como o espectador, decodifica a performance de Laure tendo como base a estrutura binária normativa, concluindo ser a personagem um garoto, e portanto pergunta “*T’es nouveau?*” - “Você é novo por aqui?”, no masculino, uma vez que a palavra feminina seria *nouvelle*. Laure diz que sim e, na apresentação, diz se chamar Michael.

No entanto, em seguida no filme, é representada uma cena em que a personagem principal e sua irmã mais nova, Jeanne, estão tomando banho. Nesse momento, pela primeira vez no filme, conhece-se o nome da personagem, quando a mãe diz “Laure! Saia do banho!”. Ficando de pé na banheira enquanto se enrola na toalha, a imagem da personagem nua por alguns segundos revela as partes íntimas femininas, o que, aliado ao nome agora sabido da personagem, identifica-a como uma garota. Só então forma-se o entendimento de que o gênero designado à Laure desde seu nascimento é o feminino, com base no sistema de crenças que relaciona a genitália ao gênero, embora a personagem performe desidentificada dessa categoria.

Através da observação dos garotos com quem brinca, Laure/Michael percebe e adota os atos de gênero ditos masculinos pelos padrões reguladores, como cuspir no chão e andar sem camisa, algo que seu corpo ainda permite fazer uma vez que não possui seios. Laure/Michael consegue se inserir como garoto entre o grupo, inclusive quando ao nadar recorta seu maiô para fazer uma sunga e usa massa de modelar para criar o volume do pênis.

Quando a performance é descoberta pela mãe, tem-se o momento de maior tensão no filme. A cena é decupada na Tabela 1, adiante.

Tabela 1: Decupagem de uma cena do filme “Tomboy”

TOMBOY

<i>Descoberta da mãe: A mãe de Laure descobre o comportamento transgressor da personagem.</i>	
Duração da cena: 1'31"	18 planos.
<i>Resumo da sequência - A cena inicia mesclada à cena anterior, pois o áudio inicia a cena da descoberta enquanto ainda se vê a cena anterior. Enquanto Laure passa um medicamento no machucado da irmã, ouve-se a campainha. A mãe de um garoto que apanhou de Laure/Michael vem tirar satisfações com a mãe de quem ela acreditava ser Michael, o garoto que bateu em seu filho. A mãe de Laure acredita se tratar de um engano a princípio, mas logo percebe o que está acontecendo. Com a saída da mãe do outro garoto, a mãe de Laure repreende a personalidade e lhe dá um tapa no rosto, e a manda ir para o quarto.</i>	
TRILHA DE IMAGEM	TRILHA DE ÁUDIO (apenas falas) (tradução livre)
<p><i>Plano 1. 10"</i> Primeiríssimo plano de Laure. Panorâmica para primeiríssimo plano da irmã, Jeanne.</p> <p>Panorâmica para primeiríssimo plano da irmã, Jeanne.</p>	<p>Mãe do outro garoto <i>in off</i>: - Boa noite, madame. Mãe de Laure <i>in off</i>: - Boa noite.</p> <p>Laure: - O que é? Jeanne: - Não sei.</p>
<p><i>Plano 2. 5"</i> Plano americano da mãe de Laure, de perfil, olhando para a porta aberta. Entrada de Laure e Jeanne pela direita. Visão de costas das duas.</p>	<p>Mãe do outro garoto: - Eu o vi chegar... Ele me disse que tinha brigado na floresta.</p>
<p><i>Plano 3. 3"</i> Meio primeiro plano de Laure e Jeanne.</p> <p>Jeanne continua andando e some da imagem.</p>	<p>Mãe de Laure: - Sim. Eu não vi.</p> <p>Mãe do outro garoto: - Eu não sei, foi isso que aconteceu.</p>
<p><i>Plano 4. 2"</i> Meio primeiro plano do outro garoto e sua mãe, na porta.</p>	<p>Mãe de Laure: - Eu não entendo.</p> <p>Mãe do outro garoto: - Foi seu filho quem fez isso.</p>
<p><i>Plano 5. 6"</i> Primeiro plano da mãe de Laure, de perfil,</p>	<p>Mãe de Laure: - Acho que a senhora está</p>

<p>olhando para a porta.</p> <p>A mãe de Laure olha para frente.</p>	<p>enganada.</p> <p>Outro garoto: - Sim, é ele. Michael.</p>
<p><i>Plano 6. 7"</i></p> <p>Primeiro plano de Laure.</p>	<p>Laure: - Sim, é verdade. Sou eu.</p>
<p><i>Plano 7. 3"</i></p> <p>Primeiro plano da mãe de Laure, olhando para frente.</p> <p>Ela vira o rosto para a porta, e de novo para frente, confusa.</p>	
<p><i>Plano 8. 3"</i></p> <p>Meio primeiro plano do outro garoto e sua mãe.</p>	<p>Mãe de Laure: - Eu... sinto muito, senhora.</p>
<p><i>Plano 9. 9"</i></p> <p>Primeiro plano da mãe de Laure.</p> <p>A mãe de Laure olha para frente.</p>	<p>Mãe de Laure: - Vou fazer o que é preciso. Vou botá-lo de castigo.</p> <p>Mãe de Laure: - Peça desculpas.</p>
<p><i>Plano 10. 5"</i></p> <p>Primeiro plano de Laure.</p>	<p>Laure: - Me desculpe.</p> <p>Mãe de Laure: - Isso não acontecerá mais.</p> <p>Laure: - Não acontecerá mais.</p>
<p><i>Plano 11. 9"</i></p> <p>Plano americano de Laure, de sua mãe, e de Jeanne, que abraça as pernas da mãe.</p> <p>A mãe de Laure olha para a filha enquanto fecha a porta.</p> <p>Jeanne se vira na direção de Laure.</p>	<p>Mãe do outro garoto: - Bem, obrigada. Até logo.</p> <p>Mãe de Laure: - Boa noite.</p>
<p><i>Plano 12. 2"</i></p> <p>Primeiríssimo plano de Laure.</p>	<p>Mãe de Laure: - O que foi que você fez?</p>
<p><i>Plano 13. 3"</i></p> <p>Primeiríssimo plano da mãe de Laure.</p>	<p>Mãe de Laure: - O que foi que você fez? Por que fez isso?</p>
<p><i>Plano 14. 5"</i></p> <p>Primeiríssimo plano de Laure.</p>	<p>Laure: - Não sei.</p>

Laure é puxada para a frente.	Mãe de Laure: - Venha aqui! Você disse a todo mundo que era menino?
<i>Plano 15. 3"</i> <i>Big close up</i> da mãe de Laure. A mãe de Laure sacode a filha.	Mãe de Laure: - Envolveu sua irmã nisso? Por que fez isso?
<i>Plano 16. 8"</i> Primeiríssimo plano de Laure. Laure leva um tapa da mãe, no rosto. Panorâmica para um primeiríssimo plano da mãe de Laure. Ela fecha os olhos e parece estar muito brava e confusa.	
<i>Plano 17. 3"</i> Primeiríssimo plano de Laure de perfil e cabeça baixa. Laure vai para o quarto.	Mãe de Laure: - Vá para o seu quarto!
<i>Plano 18. 5"</i> Primeiríssimo plano da mãe de Laure olhando para a frente. Ela olha para baixo, de perfil.	

Fonte: tabela construída pelo autor

A mãe de Laure, adiante no filme, obriga a personagem a usar um vestido e, mesmo com resistência, ir esclarecer tudo aos seus amigos, inclusive Lisa, com quem o relacionamento havia se desenvolvido numa esfera interessante. Lisa, que até então tinha certeza que Michael é um garoto, desenvolveu um interesse por ele que permitiu um selinho em dois momentos, o que motiva uma crise na personagem de Lisa e dos amigos, uma vez que a heterossexualidade compulsória se viu ameaçada. Laure/Michael, que foge da mãe e se desfaz do vestido, se vê confrontada pelos amigos que desejam confirmar se é um garoto ou garota, e a vista da genitália gera tensão.

3. A CRIANÇA *QUEER* EM “TOMBOY” (2011)

Embora o título do filme de Céline Sciamma aponte para o entendimento da protagonista Laure como *tomboy*, as discussões que o longa traz à tona são muito mais complexas, lidando diretamente com o conceito de performatividade já citado. Quando a personagem performa diante do grupo social em que se insere, através da adoção de um novo nome, Michael, e a identificação com atos de gênero considerados masculinos, como retratado durante todo o filme, o nível de reflexão potencializado na obra extrapola o conceito de *tomboy* como estilo de apresentação social em moda e comportamento, e caminha para um questionamento quanto a identidade de gênero da personagem. O jornalista Luiz Carlos Merten (2012), para uma matéria para o jornal Estadão, perguntou em entrevista a diretora do filme se a personagem principal é transexual, e a resposta de Sciamma foi: “Tenho minha ideia sobre ela e poderia dizer o que acredito em que ela se transformará, mas não é importante para o conflito que retrato”⁶⁵.

Mesmo não podendo afirmar com certeza que Laure/Michael é uma criança trans, uma vez que tal afirmação demandaria outras abordagens, é possível pensar Laure numa perspectiva *queer*, ou seja, desidentificada em questões de corpo-sexo-gênero-sexualidade, um corpo que, como escreve Preciado (2014, p. 22), “se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade”. Os atos de gênero tomados pela personagem em meio ao contexto normativo são os responsáveis pelo andamento do enredo e para a instauração dos principais conflitos na narrativa.

Mas agora, além de lidar com o conflito de não entender quem realmente é Laure/Michael, a garota se vê com seus próprios conflitos acentuados pelos comentários de seus amigos pelo fato de ter beijado uma outra garota. A cena é uma oportunidade para discutir a atribuição não só do gênero, mas também da sexualidade já na infância, na forma de delegações compulsórias de desejos em relação ao gênero oposto, estabelecendo a crença em uma heterossexualidade natural e inata.

O que fica claro na cena detalhadamente descrita na Tabela 1 é que as respostas à dissidência são a censura e a violência. Contextualizada na perspectiva binária pautada na cis e heteronormatividade reguladoras, surge a figura da mãe de Laure, que não entendendo

⁶⁵ Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,garota-passa-por-menino-no-filme-tomboy,822224>. Acesso em: 16 jun. 2018.

possibilidades para além das que aprendeu em seu próprio processo de sociabilidade, trata com intolerância o corpo *queer* com o qual se depara. Para ela, não pode ser correto que um corpo tido como feminino assuma uma postura desidentificada. A reação da mãe de Laure/Michael pode ser entendida com base em Preciado (2013, p. 96-99), que explica que pais e mães protegem – na sociedade heterossexual hegemônica – não os direitos da criança, e tampouco defendem o direito à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade, mas sim protegem as normas sexuais e de gênero que eles mesmos internalizaram através de um sistema educativo e social que, enxergando as dissidências como ameaça, as tratam com intimidação, castigo, ameaça e, às vezes, com morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, com o exercício analítico do filme, que as representações retratadas por Céline Sciamma no longa-metragem englobam muitos dos passos da jornada *queer* da protagonista, tanto no tocante a sua própria individualidade, quanto a respeito da relação entre a personagem e os grupos sociais que integra, mostrando seu processo de desidentificação, performance e repressão por parte da sociedade normativa. A obra indica não só um retrato dessa oposição entre *queer* e normativo, normal e anormal, mas uma oportunidade de reflexão e transformação ativa dos padrões hegemônicos. A narrativa do filme se mostra, então, a narração da própria dissidência na sociedade normativa. A performance transgressora é percebida e punida pela família, uma das instituições reguladoras da cisnormatividade. Aos sujeitos *queer*, cabe a repetição, a resistência, a revolução.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 191-219.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: **Caderno de Leituras n. 78**. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

JULLIER, L; MARIE, M. *Lendo as imagens do cinema*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

LAMAS, M. **De menina e de menino**: gênero e infância. [S.l.]: Publicação independente, 2016.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-42.

MERTEN, L. C. Garota passa por menino no filme “Tomboy”. **Estadão**, São Paulo, 13 jan. 2012. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/garota-passa-por-menino-no-filme-tomboy,822224>. Acesso em: 16 jun. 2018.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, P. B. Quem defende a criança queer? Tradução de Fernanda Ferreira Marcondes Nogueira. **Jangada**, Viçosa, n. 1, p. 96-99, jan.-jun. 2013.

TOMBOY. Direção: Céline Sciamma. França: Arte France Cinéma, 2011. 1 DVD (82 min), son., color.